

Transcrição da Palestra “(almost) 40 years of the Rhetoric of Economics: what has changed and what has not”, de Deirdre McCloskey

Apresentação

Marina Rossi: Olá, boa noite a todos, eu sou Marina Rossi, coordenadora da pós-graduação no Departamento de Economia da Universidade Brasília. É um grande prazer ter a professora McCloskey como palestrante convidada para a nossa comunidade hoje. Antes de nós começarmos, eu vou dar instruções breves. Você pode escolher, vamos ter interpretação, então se você quer ouvir em português ou em inglês, você pode escolher. Tem um ícone no Zoom onde você pode escolher se você quer escutar em português ou em inglês. Professora Deirdre vai falar para nós e depois vamos abrir para algumas questões e eu vou fazer as perguntas para ela, então você pode escrever no chat as questões, eu vou acompanhar e então ler as questões depois. Para começar nosso evento gostaria de primeiro chamar a professora Maria Emília Machado Telles Walter, ela é a Decana de Pesquisa e Inovação na nossa universidade e ela gostaria de falar para nós hoje.

Maria Emília Machado Telles Walter: Boa noite Marina. Boa noite, professora Deidre. Eu falarei em português, peço desculpas por isso.

Deidre McCloskey: Eu amo ouvir português.

Maria Emília Machado Telles Walter: Obrigada! Falarei um pouco com os alunos e com as pessoas que estão nos escutando. Mudarei o idioma agora. Boa noite a todos e todas. Espero que estejam bem nesse contexto de volta presencial, mas ainda com a pandemia de Covid, o que requer alguns cuidados, apesar da vacinação já bastante avançada no Brasil, em particular, aqui na UnB, no DF e na região do Entorno.

Saúdo a todos e todas, em nome da nossa reitora da Universidade de Brasília, professora Márcia Abrahão Moura. Inicialmente, gostaria de cumprimentar o professor José Márcio Carvalho, diretor da FACE, a professora Marina Rossi, **vice-diretora da FACE**, o professor Roberto Ellery, chefe do Departamento de Economia, em particular, a professora Deidre McCloskey e a todas e todos que nos assistem pelo YouTube e que participam desta palestra.

Fico feliz, na verdade, de estar aqui nessa abertura em nome da professora Márcia, tendo em vista que toda a comunidade da UnB, em particular a gestão que represento nessa oportunidade, nós estamos fazendo na UnB um grande esforço nos últimos anos para tratar de questões relacionadas, entre outras, à internacionalização, além, claro, da formação de pessoas, da pesquisa e da inovação. Essa palestra mostra a importância da internacionalização não só para a FACE, que tem vários PPGs de excelência, é claro, mas também para a Universidade de Brasília.

Colabora ainda para a possibilidade de ampliação de rede de colaboração de pesquisa no âmbito internacional. Por outro lado, muito vem sendo falado atualmente, sobretudo no governo atual sobre inovação. Aprovamos nossa política de inovação em 2020, com base no marco legal e reestruturamos, ou estamos tentando reestruturar, o ambiente de inovação dentro da UnB. Mas eu sempre repito isso nos eventos que tenho a oportunidade de falar: não se pode falar em inovação sem pesquisa básica nas nossas instituições de ensino e pesquisa e sem formação de pessoas na

pós-graduação. É na academia que surgem as novas tomadas de posição, novas nas diversas áreas de pesquisa que tornam possível criar inovação. Inovação conforme nossa política aprovada pode ser feita com base em cinco eixos: academia, governo, setor privado e os dois eixos transversais de tecnologias sociais e meio ambiente.

Deixar de aportar recursos à academia significa tirar um dos eixos da inovação e indica uma visão bastante limitada do que vem acontecendo no século XXI. Por outro lado, como é sabido, a ciência tem sido duramente criticada no mundo todo. De uns anos para cá, sobretudo no contexto da pandemia e, infelizmente, no Brasil. Temos aí e também no mundo todo e aqui muito no Brasil, uma onda anticiência, negacionismo, fake news, etc.

E a pandemia alargou a distância entre as pessoas, aumentando todo tipo de carência. Mesmo agora, nesse momento, estamos sofrendo consequências dessa doença, apesar da vacinação. Por outro lado, e lamentando a perda de mais de 650.000 vidas no Brasil, gostaria de destacar o papel que a UnB e as universidades públicas federais, em nossos institutos de ciência, como o Butantan e a Fiocruz, tiveram no enfrentamento da pandemia, apresentando projetos multidisciplinares em todas as áreas do conhecimento.

Essa atuação, por outro lado, nos ajudou a resgatar o nosso papel no desenvolvimento do país. Nunca se falou tanto em ciência e nunca tantos cientistas deram entrevistas nas grandes mídias. Ajudou a fazer com que a sociedade, sobretudo no Brasil, entenda nosso papel de pesquisadores. Então, tornou-se uma oportunidade para difundir nosso trabalho e justificar os recursos que são investidos nas nossas instituições.

Gostaria, em nome da Universidade de Brasília, de dar as boas-vindas à professora Deidre McCloskey, com a certeza de que sua palestra muito contribuirá para a nossa universidade, para reflexões relevantes na área, esperando que novos projetos de pesquisa sejam de fato construídos com a professora, alargando nossa rede de colaboração internacional com essa pesquisadora de referência.

Gostaria de dar os parabéns aos organizadores da palestra em nome dos professores José Marcio e Marina, diretor e **vice-diretora da FACE**, e do professor Roberto Ellery, do Departamento de Economia, e, mais uma vez, à FACE que tantas contribuições têm dado para a UnB, na graduação, na pós-graduação e através dos seus centros. Espero que todos os que assistem a palestra “*(almost) 40 years of the Rhetoric of Economics: what has changed and what has not*”, possam ter novos insights, novos caminhos de pensamento científico, novas tomadas de posição, através da exposição da nossa palestrante, ressaltando que a ciência no Brasil, de forma geral, que acontece em grande parte através dos nossos programas de pós-graduação das universidades públicas deve consolidar e ampliar a internacionalização através de ações como essa. Eu desejo uma ótima e instigante palestra a todos e a todas. Muito obrigada.

Marina Rossi: Muito obrigada à professora Maria Emília. Agora eu vou dar a palavra, vou convidar o diretor da nossa Escola de Administração e Economia, José Marcio Carvalho, que tornou possível a realização deste evento.

José Marcio Carvalho: Ok. Dra. McCloskey, é uma honra recebê-la na Universidade de Brasília. Nós somos a faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas, uma das maiores unidades da Universidade. Somos uma escola em crescimento, por assim dizer, na Universidade de Brasília, e sempre digo que somos uma confederação de várias, de várias repúblicas, porque os nossos departamentos tendem a ser bem independentes uns dos outros. Estamos envidando esforços para internacionalizar nossas atividades. Já temos programas consolidados em administração, contabilidade, economia e estamos aumentando também nossas parcerias, mas precisamos ter mais parceiros internacionais. Então, essa iniciativa do Departamento de Economia é um processo muito importante para caminhar nessa direção.

É um imenso prazer recebê-la na nossa faculdade, não só por sua importância acadêmica, mas também devido à forma como a senhora conduz sua vida acadêmica. É muito importante para nós ter contato com uma acadêmica tão proeminente. Seja bem-vinda à nossa Universidade e Faculdade.

Professora Deidre McCloskey: Obrigada.

Marina Rossi: Obrigada professor José Marcio. Eu gostaria de chamar o professor Roberto Ellery. Ele é o chefe do nosso departamento, o Departamento de Economia.

Roberto Ellery: Bem, primeiramente, eu gostaria de dar as boas-vindas à professora Deidre McCloskey, que pode estar aqui, falando conosco esta noite.

Eu mesmo sou um leitor e um estudioso do seu trabalho, enquanto pesquisador. Então estou muito empolgado de ter essa oportunidade e pedirei licença e a sua permissão de falar em português agora para que eu possa me expressar para uma audiência mais ampla de alunos que estejam nos escutando agora. Ela acabou de nos mostrar que também fala português. Ela consegue falar obrigado. Ela consegue falar qualquer coisa.

Professora Deidre McCloskey: Durante muito tempo eu falei “obrigado”. E então me dei conta: espere aí?

Roberto Ellery: Agora você é uma falante nativa. Acha que você está muito confortável falando português. Ele gosta do som e de como nós falamos.

Professora Deidre McCloskey: Ah, eu adoro o português.

Roberto Ellery: Como a Marina, eu também sou do Nordeste. Falamos e cantamos da mesma forma. Então, agora eu vou mudar para o canal de português. Só um minuto.

Bom. Rapidamente, eu queria fazer a saudação a todos nossos estudantes, a todos nossos professores e todos que estão acompanhando esse evento. Eu me sinto muito feliz em ter essa oportunidade de participar desse evento, porque nós estamos aqui diante de uma pesquisadora que tem um trabalho de alto impacto na nossa área, que nos leva a refletir sobre os nossos métodos, sobre como fazer ou não fazer economia.

Nós gostamos muito, às vezes, de trabalhar nas nossas áreas específicas, nossos modelos e aí, de vez em quando, a gente tem que parar para pensar se é isso mesmo, como fazer? Quais são as alternativas? Esse é um departamento que tem uma área de destaque na área de pensamento econômico e na área de metodologia. É impossível não fazer referência ao professor Mauro Boianosky, que tem um trabalho muito relevante nessa área.

E uma das coisas que eu sinto muita falta nesse período de distanciamento é encontrar o Mauro para trocar ideias sobre isso, ali no corredor da FACE. É um tema importante, num momento importante, onde nós estamos questionando tudo, inclusive a nossa área. Não podia deixar de agradecer ao professor José Guilherme e equipe, foi uma equipe, sempre é uma equipe.

Mas o José Guilherme, que deu a ideia e que tornou possível. Zé, muito obrigado. Como sempre, você é grande nesse departamento. E, mais uma vez, você nos ajuda a fazer a diferença. Espero que a gente esteja no fim de um período de afastamento, onde tudo é remoto. Que esse seminário esteja marcando essa transição. Mês que vem, pelo nosso planejamento da nossa universidade, nós estaremos de volta presencialmente. Estamos todos ansiosos por isso. Quer dizer, uma das maiores loucuras, professora Maria Emília e professor José Marcio, que eu ouvi foi dizer que nós estávamos felizes fora da universidade. Isso toda a vida que eu ouvia e isso me irritava e me entristecia simultaneamente, porque eu não posso estar feliz longe do lugar que eu escolhi, para trabalhar, para tocar a minha vida.

E eu sou daquelas pessoas que vivo a UnB, gosto da UnB, então estou muito feliz com a possibilidade de voltar. E já antecipo, deixo o convite para a professora, que nós consigamos trazê-la pessoalmente para cá, quem sabe no segundo semestre desse ano ou no próximo ano, para ter a oportunidade de conversar e de avançar nas ideias.

Então, agradecendo a todos que tornaram isso possível, claro, Marina, Rafael, Ana, mas especialmente o Zé Guilherme, à FACE pelo apoio. Foi uma iniciativa da FACE, professor José Marcio, que trouxe para a gente, que permitiu isso, à reitoria, na pessoa da nossa decana, professora Maria Emília, que é uma parceira da FACE, do Departamento de Economia, professora, a gente está aí o tempo todo batalhando e tal, e a gente não está se encontrando, né professora? Mas, as coisas continuam andando, então queria agradecer a todos, devolver a palavra para a professora Marina Rossi, que está organizando e tocando e que, claro, tem um papel fundamental nesse momento. E é isso, aqui ansioso para ouvir as palavras da professora McCloskey. Eu realmente estou aqui esperando. Espero que todos que estejam acompanhando entendam a importância do que nós vamos ouvir em breve, muito obrigado.

Marina Rossi: Obrigada, Roberto, pelas suas palavras. Eu estou muito honrada de ter a oportunidade de apresentar a professora McCloskey hoje. Ela é Professora Distinta Emérita de Economia e de História. É professora Emérita de Inglês e de Comunicação, adjunta em Clássicos e Filosofia, na Universidade de Illinois, em Chicago, desde 2000. Ela se formou em Economia, em Harvard.

Trabalhou como professora em muitas universidades de primeira linha, incluindo a Universidade de Chicago, onde foi titular em 1975. Escreveu mais de 20 livros e mais de 400 artigos sobre teoria econômica, história econômica, filosofia, retórica, feminismo, ética e direito. Atualmente,

descreve-se como uma “mulher literária quantitativa, pós-moderna, de mercado livre, progressista episcopal, ex-Marxóide, do Meio-Oeste Americano, de Boston, que já foi um homem. Não ‘conservadora’. Eu sou uma liberal clássica cristã”.

Os seus livros incluem “The Rethoric of Economics “, “The Cult of Statistical Significance: How the Standard Error Costs Us Jobs”, “Justice and Lives”, a trilogia sobre a história da economia “The Bourgeois Era”. Em 2019, a editora da Universidade de Chicago publicou uma terceira edição do clássico manuscrito “Economical Writing” e também o livro “Crossing: A Transgender Memoir”.

Em 2020, publicou com Alberto Mingardi o livro “The Myth of the Entrepreneurial State”. Em 2021, ela publicou o livro “Bettering Humanomics: A New, and Old, Approach to Economic Science” e, em 2022, ela está prestes a publicar “Beyond Positivism, Behaviorism”, e “Neo-Institutionalism in Economics”.

A professora McCloskey é um sopro de ar fresco muito necessário no debate brasileiro sobre economia.

Hoje, escreve artigos semanais para a Folha de São Paulo e a sua contribuição irá, sem dúvida, elevar o nível do debate no Brasil sobre economia, história e política, não só no meio acadêmico, mas também em meio ao público em geral. Nas suas cinco colunas já publicadas, ela falou sobre a Ucrânia e que a escolha agora não é sobre esquerda e direita, mas sobre liberdade e tirania; sobre “ordem e progresso” em nossa bandeira e a sua origem positivista e ordem espontânea (Eu pensei no Hayek aqui...); inflação, com uma ótima piada sobre o Brasil: “*Quando os astronautas americanos chegaram à Lua, encontraram um brasileiro. Espantados, perguntaram como ele chegara ali. ‘Peguei carona nos preços brasileiros’. Mas como você vai voltar? ‘De carona na taxa de câmbio brasileira.’*”; fala ainda sobre constituição e direito; e, minha favorita, sobre a economista Mariana Mazzucatto, tão reverenciada no Brasil, mas tão equivocada em suas ideias. Em certo sentido, posso dizer que ela está numa cruzada educacional no Brasil, onde algumas más ideias nunca morrem, como “O Mito do Estado Empresarial”, tal qual seu livro tão perfeitamente intitulado.

E, então, temos o tema da palestra desta noite. Já recomendei muitas vezes o livro “The Rhetoric of Economics” a muitos dos meus alunos, e até mesmo já emprestei a minha cópia para alguns. A retórica da economia, como o título do nosso seminário indica, foi publicada há quase 40 anos e ainda hoje é tão necessária quanto no passado, com muitas das discussões no livro ainda vigentes. Ela tem dois livros novos que se enquadram neste tópico. Sua mensagem não só foi amplamente ouvida pelos economistas, mas também por todos os outros cientistas sociais. A Sociedade Americana de Estatística publicou em 2016 uma declaração sobre valores-p, basicamente colocando-os em seu devido lugar e tentando chamar a atenção para um culto a respeito da significância estatística, o título de um outro livro da professora com Steven Ziliak, tão difundido atualmente.

E agora, sem mais delongas, por favor, deem as boas-vindas à nossa convidada, a grande Deidre McCloskey. Deidre, a palavra é sua, obrigada.

Palestra

Professora Deidre McCloskey: Obrigada. Eu estou muito emocionada de estar aqui. Pena de não estar exatamente aí. Eu nunca estive em Brasília. Você percebe, porém, que eu gaguejo um pouco, assim como a Marilyn Monroe, um fato que não é muito conhecido. Joe Biden e Churchill também gaguejavam. Então, terão que se acostumar a isso. E eu vou ficar mais fluente na medida que eu falo.

Então, sim. Já se passaram 40 anos desde que eu publiquei o artigo chamado Retórica na Economia no *Journal of Economic Literature*.

E, subsequentemente, [publiquei] um livro do mesmo título. Aí eu escrevi dois outros livros sobre esse assunto. Se você tivesse que resumir aquele primeiro livro, de 1985, ele diria: economistas são poetas e eles, como os poetas fazem, eles usam metáforas, seus modelos. Seus modelos são comparações de um reino, por exemplo, vamos dizer, matemática para outro, como, por exemplo, o mercado imobiliário, e **Apolo [21:51]**, por exemplo. Então, é uma comparação razoavelmente radical, que uma curva e um diagrama possam iluminar, que possam ser interessantes, que possam cantar, como fala Harberger, sobre algo tão humano, um evento tão humano como o mercado imobiliário. Esse foi o primeiro livro e, em 1990, eu escrevi outro livro dizendo que, mais ainda, os economistas são novelistas, que eles operam com histórias, mas não sabem disso. Eles contam histórias. A história sem fim do Brasil, a piada triste sobre Brasil, que sempre é a nação do futuro. Que o Brasil é nação do futuro para sempre. Eu acho que o motivo pelo qual o Brasil não teve o sucesso que poderia ter muito a ver com o primeiro livro que são metáforas e modelos incorretos para se pensar sobre a economia. Então, são poetas e novelistas.

E aí eu tive um terceiro livro em 1994 e que fez meus colegas ficarem muito zangados na economia porque eles não queriam ser comparados a novelistas e poetas. “Somos cientistas!”, eles disseram. “Cientistas não são poetas e novelistas! Somos outra coisa!”. Eu acho que eles estão errados e eu acho que é verdade o que eu estou dizendo em termos de metáforas e histórias. Isso pode ser verdade para a química, física, biologia, como pode ser sobre a economia. Mas, de qualquer forma, eu levantei essa questão. As pessoas ficaram tão zangadas comigo que elas escreveram artigos atacando isso. Então, em 1994, tenho esse terceiro livro, você pode pensar nisso como uma trilogia em que respondíamos aos críticos. Então, esse período de 1980 a 1994, foi meu período retórico. Eu fico entediada com um projeto que estou fazendo. A cada dez anos eu tenho que mudar o que estou fazendo. Isso não significa que eu sou contra o que eu fiz anteriormente. Continuei a ser uma economista, uma historiadora econômica. Mas foi nesse período que eu percebi lentamente, demorei bastante tempo para perceber, que o que nós chamamos em inglês de Humanidades, e acho que em português se usa um termo parecido, ou Artes, como chamam na Grã-Bretanha, são um elemento central da ciência.

Isso pode parecer estranho para quem fala inglês mas não acho que é tão estranho em outros idiomas, incluindo o português. Por exemplo, em alemão, a palavra “Wissenschaft”, Ciências, significa investigação, significa pesquisa sistemática. Então os alemães usam “Geisteswissenschaften”, que realmente soa muito estranho em inglês, que significa “ciências do espírito”. “Geisteswissenschaften”. Ciências do espírito? O que seria isso? Na verdade a palavra “geist” é um cognato da palavra inglesa “ghost” (fantasma). E então se poderia fazer uma tradução

para uma ciência fantasmagórica. Mas significa espírito em alemão, o espírito humano. E é a palavra ordinária em alemão para as humanidades. Então, em todos os idiomas que pesquisei e perguntei a pessoas que falam tâmil, japonês, turco e todos os tipos de outros idiomas, qual é a palavra para ciências?

E em todos elas a palavra relacionada à ciência tem a ver com inquirir, perguntar. Então, você tem a ciência clássica, o estudo do antigo mundo mediterrâneo. E então a ideia das ciências sociais, o que muitas vezes irrita nossos colegas das ciências físicas. Eles dizem: “Ah, economia não é uma ciência!”. E eles ficam indignados.

Eu sou um cientista, sou um físico e eu não sei o que você é. E eu diria que isso é bastante tolo. Eu também fui, como foi mencionado, uma professora da língua inglesa, e do nosso tópico de hoje, retórica. Eu sempre gaguejo com a palavra retórica, que é uma das minhas palavras favoritas. E outra palavra favorita é liberdade. E eu geralmente gaguejo com essa também. Então vocês podem, em termos de psicologia, deduzir o que quiserem.

Então eu me voltei nesse meio período da minha carreira para o estudo sério das humanidades e, durante um longo período até o presente, ainda estou descobrindo coisas sobre esta ideia frutífera de que as humanidades estão relacionadas com economia e com as ciências, de forma mais geral.

Foi um processo lento, porque eu estava tentando ver isso como uma economista. Eu sou uma economista quantitativa treinada em matemática. Eu ainda acredito em números. Eu ainda acho que números são o que precisamos para decidir sobre o próximo movimento em políticas econômicas no Brasil ou o que causou o Grande Enriquecimento que o Brasil teve desde os anos 1800.

Quantidades importam nas ciências, e em outras coisas, às vezes. Quantidades importam e a sua idade também importa para o amor, para o casamento, por exemplo. Quantidades, quanto dinheiro você tem, importa para sua vida. Não é que eu me afastei dos números, mas o que eu fiz foi adicionar palavras aos números e os números e as palavras, eu concluí isso há muito tempo, escutem isso, não vêm com a sua própria interpretação. Se você me disser ou eu disser para você “É um lindo dia hoje no Brasil” e você disser “Bem, como você sabe?”, e eu responder, escutem o que vou dizer, eu disser “Quatro”, o número quatro, e você disser “O que isso significa?” Eu disser “quatro significa quatro”. E você vai dizer “O que você está falando?” “É um dia bom ou não, me diga!” E eu vou dizer a você: “O quê? Você não acredita em números? Você é uma dessas pessoas não-quantitativas?” E você vai ver que essa conversa é louca. Para um número ter um significado deve haver um contexto. Tem que ter perguntas humanas quase sempre com um caráter humanista envolvido. Se você quiser saber a população do Rio ou de algum outro lugar você tem que fazer uma decisão humanística do que é um cidadão do Rio. Essa decisão qualitativa vem antes de que você possa contar. Um exemplo mais interessante de economia está toda a questão do que devemos usar como medida do sucesso econômico. Deveria ser uma renda nacional real, de forma convencional, medida por pessoa, e acho que é uma medida importante e eu a defenderia de muitas formas. Mas não é a única medida possível do sucesso em termos econômicos, de um país ou de uma pessoa.

Então, veja, existe essa dimensão qualitativa e quantitativa. E é isso que eu finalmente aprendi, demorei muito tempo para aprender. Então, acho que é interessante saber como tudo começou. Eu me formei em Harvard, em economia, eu era um aluno da graduação. Mas isso foi há muito tempo. Eu me formei em 1964 e aí eu fui para a pós-graduação em Harvard também. Mas, em 1968, eu consegui um emprego na Universidade de Chicago e, naquele período, nos anos 70, em Chicago, foi uma época em que a Universidade de Chicago era, na minha opinião, certamente o departamento de economia mais criativo do mundo. Os competidores na época eram o MIT e a Universidade de Cambridge, na Inglaterra. Harvard não estava nessa competição. Harvard, na época que eu estava lá, não tinha um bom departamento de economia, por motivos que não precisamos entrar, mas era a casa do que você pode chamar grosseiramente, é um pouco rude, de uma maneira socialista de ver a economia. Do que o que tínhamos que fazer como economistas era ser engenheiros sociais para intervir ou regular a economia. Essa era a visão do Paul Samuelson no MIT. Paul Samuelson, a propósito, caso você precise saber, foi o parceiro de tênis de duplas mistas da minha mãe durante muito tempo, não vejo porque você precisaria saber disso, mas é verdade. Então, a minha mãe e meu pai conheciam o Samuelson muito bem. Eu nunca o conheci, mas conheci seu trabalho muito bem.

Aprendi essencialmente com seu livro elementar e seu livro avançado “Foundations of Economic Analysis”. E essa visão da economia é que o planejamento funciona. E há pessoas muito inteligentes em Washington ou Moscou, ou em Brasília, cuja palavra eu também gaguejo, como podem ver, que podem guiar a economia. Essa é a visão atualmente defendida por Mariana Mazzucato.

Então foi assim que fui educada, nesta atmosfera de Harvard. E então, meu primeiro emprego, onde fiquei por 12 anos, estava no outro polo, pelo menos na economia moderna, a Universidade de Chicago. E isso criou na minha mente um contraste.

A escola de Chicago era liberal, não tanto no sentido brasileiro, mas no sentido europeu, era *laissez faire*, enquanto Harvard não. Então era Harvard versus Chicago. Por falar nisso, eu ensinei, por dez anos, o curso de pós-graduação em microeconomia, na Universidade de Chicago. Então, eu ensinei pessoalmente muitos dos *Chicago Boys*, do Brasil e do Chile. O atual Ministro da Economia no Brasil foi um dos meus alunos e eu gradualmente me distanciei de ensiná-los essa visão de vamos guiar a economia. E eu gradualmente entendi os méritos, as virtudes, as coisas boas de deixar a economia por si só. Agora, você pode ver que tem um problema de retórica aqui e foi isso que basicamente me motivou.

Por um problema de retórica não quero dizer linguagem ornamentada ou conversas sofisticadas.

Retórica significa, como Aristóteles disse, os meios não coercivos de persuasão disponíveis para mudar a opinião das pessoas, sabe? Você pode, como aconteceu no Brasil na época dos generais, você pode botar uma arma na cabeça da pessoa e pode mudar o comportamento dela, se não a mente dela. Você pode jogá-la de aviões, mas o que eu chamo de “conversa doce” é o que acontece, na maior parte do tempo, num país livre como o Brasil, agora, para mudar a opinião das pessoas.

Jornais, conversas, palestras. Conversa doce. Conversa doce é persuasão. Então, eu tinha dois tipos de persuasão econômica. Eu tinha o modelo de Harvard ou a conclusão de Harvard e tinha as

conclusões de Chicago e eles estavam em tensão. Então, em 1980, um grande professor de inglês na Universidade de Chicago chamado Wayne Booth me disse: “Donald, este era meu nome, Donald, você pode falar com os meus alunos da graduação sobre a retórica da economia?” Eu acho que ele me pediu porque eu tinha uma reputação em 1980, de ser, não sei..., um pouco mais cabeça aberta do que muitos dos meus colegas na Universidade de Chicago, não só na economia, mas também na administração e na área do direito.

E eu falei: “Está bom, mas o que é isso? O que é a retórica da economia?” O Wayne me deu livros para ler e aconteceu que nos 50, 60 e 70 e nos 80 nas humanidades existia uma guinada para a retórica e também nos departamentos de comunicação, como temos nos Estados Unidos. E isso era, como Aristóteles falou, o estudo dos meios de persuasão. E isso foi uma nova ideia para mim.

E eu também comecei a estudar a filosofia da ciência; e a antiga filosofia da ciência que eu conhecia do ensino médio era a ideia de que a química era, essencialmente, positivismo lógico, que floresceu em Viena ao redor de 1920. E disse que a ciência era uma máquina. É fácil. Você só tem que seguir o método da ciência e você consegue resultados científicos. A maioria dos economistas ainda acreditam nisso. Mas outros desenvolvimentos intelectuais nos anos 50, 60, 70, dos quais eu não conhecia nada, enquanto economista, foi a história, a sociologia e a filosofia da ciência depois de Thomas Khun. Thomas Khun, o grande historiador da ciência de Princeton, destacou que cientistas são humanos. Eu sei que é chocante, mas foi isso que ele disse, e muitos outros. Paul Feyerabend, um amigo meu, que é sociólogo e com quem estou escrevendo um artigo neste momento, Harry Collins e muitos outros, mostraram que ciência não era essa coisa que abre e fecha. E aí vou para este lado humanístico, era uma questão de conversa doce, de persuasão.

Você pode quase dizer que a descoberta foi que a economia, bem, pensando na economia, que a ciência econômica tem uma retórica e tem uma sociologia, ambas. Então, eu fiquei um pouco obcecada por isso e escrevi todos esses livros e artigos.

Para responder à pergunta da nossa seção desta noite, o que mudou? Bem, nada mudou. Mesmo eu sendo uma historiadora econômica e economista proeminente, que estava dizendo estas coisas e tinha a companhia de pessoas como Arjo Klammer, Holland e Don Lavoy, o economista austríaco, George Mason, e muitas outras pessoas, não mudou nada de significativo na economia. A economia continuou a se desenvolver com esse lado positivista de que os números vêm com sua própria interpretação, de que você não precisa se preocupar com o lado humanístico. Eu não acho que a ciência deve mudar radicalmente só porque alguém como eu balança um alerta para alguma coisa e diz: “Espere um minuto. Alguma coisa está errada. Vocês entendem o que estão fazendo.” Por exemplo, nessa questão de testes de significância estatística que dominam a econometria e os economistas não sabem o que eles estão fazendo. Está completamente errado. O que você aprende no curso de estatística está errado. Eu falo isso como alguém que ama estatística teórica e aplicada. Mas a técnica de teste-t está errada. Ela é simplesmente cientificamente incorreta. Essencialmente, ninguém presta atenção. E, como eu falei, a ciência não deve mudar tão rapidamente. Se ela mudasse toda vez que alguém dissesse: “Ah maximizar o lucro não é o que todos fazem, então a economia está errada”, e então abandonássemos tudo o que sabemos sobre economia, isso não seria uma forma boa de administrar uma ciência. Por isso o conservadorismo da economia não é algo que me aborreça. Estou desapontada. Gostaria que todos dissessem: “Ah, a Deidre disse isso e isso”, fim, “vamos todos seguir os estudos da Deidre McCloskey”. Mas eu cheguei a outra

conclusão sobre a história do pensamento econômico, que é muito importante aqui, e é a de que Adam Smith... Olha, eu sou anglicana. Eu sou cristã, então sempre faço sinal da cruz quando menciono o Adam Smith. Adam Smith, o mestre do iluminismo escocês, contrário, por falar nisso, ao iluminismo francês. A conclusão do meu artigo na *Folha* dessa semana é que os brasileiros deveriam passar mais tempo pensando sobre o iluminismo escocês do que o iluminismo francês e na razão. Mas o iluminismo escocês foi sobre liberdade, que é a outra metade da história do iluminismo, o iluminismo do século XVIII.

Adam Smith disse várias vezes que a persuasão das pessoas livres, escutem isso, é o que a economia é. A economia não é sobre estruturas de exploração, estruturas disso ou daquilo e outras coisas. A economia é sobre a conversa doce. Arjo Klamer e eu fizemos, em 1995 ou 96 um cálculo, escutem só, que porcentagem da renda do trabalho, a renda de pessoas que são pagas para trabalhar, como eu e vocês, é paga por causa do exercício da conversa doce. Qual a porcentagem um policial, um professor ou um gerente ou um fazendeiro ou um soldado, que percentual de seu produto marginal, expresso dessa forma, é contabilizado por sua habilidade ou sua habilidade com a conversa doce. E Arjo e eu criamos o que consideramos uma forma muito sensata de estimar isso e descobrimos, escute essa, um quarto da renda do trabalho foi contabilizada por conversas doces. Nossos colegas de marketing entendem isso, apesar de não saberem que o que estão fazendo é retórica grega antiga. Mas, de qualquer forma, é um quarto.

E isso não é publicidade, é principalmente sobre gerenciamento, sobre ter chefes em uma sociedade livre, onde você está livre para sair do seu emprego. Você não é um escravo do seu salário. Essa é uma frase tola que nossos amigos da esquerda dizem.

Você não é um escravo do seu salário. Você pode sair do seu emprego, se quiser. Não é sempre fácil, mas você pode. Você não é um escravo, escravos não podem sair. Mas se você é gerenciado, o seu gerente tem que te tratar como uma pessoa livre. Ele não pode pegar um chicote e te bater para fazer com que você trabalhe mais duro. E com os escravos você pode fazer isso. Então, a economia trabalha com a retórica. Isso me levou muito tempo para entender. Eu digo para os meus amigos sempre quando estamos discutindo isso, a economia trabalha com conversa doce e a ciência também. E acho que isso é uma verdade óbvia e eles me respondiam, pessoas como Arjo Klamer e Don Lavoy, diziam que sim. Mas isso também é verdadeiro para a economia. E então, gradualmente, nos anos 90 e 2000, eu finalmente entendi, eu penso um pouco devagar, e surpresa! Eu fui para a história econômica e eu descobri, na segunda trilogia, acho que me especializei em escrever três livros ao mesmo tempo, não é ao mesmo tempo, mas em sequência, na segunda trilogia, chamada de “Bourgeois Era”, que já foi publicada em 2006 e 2010, e o último livro em 2016. Eu cheguei à conclusão de que nós economistas entendemos o crescimento econômico totalmente errado. O que realmente causou o crescimento da economia foi o liberalismo, em uma palavra. Foi uma sociedade livre, onde as pessoas poderiam testar coisas, como os ingleses dizem, “dar uma chance”. Experimentar e falar de forma livre. Ter conversas que, depois que eu terminar de falar, nós vamos ter. Ter uma conversa livre, na qual, como o filósofo Paul Feyerabend disse: qualquer coisa serve. Então cheguei à conclusão que não devemos jogar fora a matemática, a estatística, a teoria econômica, estas são ferramentas maravilhosas para pensar sobre a economia. Perguntas quantitativas são frequentemente importantes. Eu não tenho certeza de que o abstrato, o equilíbrio geral tem alguma utilidade. Mas eu não os odeio.

Mas precisamos complementar a economia radicalmente. Então voltamos ao que o falecido Adam Smith entendeu, que a economia é um campo da linguagem, um campo da persuasão.

Nas notas dos alunos para suas aulas sobre jurisprudência, Smith disse: a oferta de um xelim, isto é, dinheiro, que parece ter um significado tão óbvio para nós, na verdade é um argumento, é persuasão. Persuadir, ter uma conversa doce, para que a pessoa faça o que queremos que ela faça.

E ele fez com que a linguagem e os preços fossem a mesma coisa. E eles são. Então o tipo de economia que eu defendo e que eu não espero que meus colegas parem o que estão fazendo e me sigam. Eu não sou Jesus. Lembre-se que ele disse, se você é cristão, dê todo o seu dinheiro para os pobres e me siga. E algumas pessoas o fizeram e a maioria não. Então, eu não sou otimista sobre essa minha concepção, como outros economistas como Bart Wilson e o economista que ganhou o Prêmio Nobel Vernon Smith também defendem. Não tenho certeza de que isso mudará muito a economia, gostaria que sim, acho que teríamos uma ciência muito mais forte.

Defendo o que Bart chama de “*humanomics*”, economia com o humano. Eu enfatizo que essa introdução do humanismo, história, filosofia, também gaguejo com essa palavra, literatura, retórica, conversa doce, persuasão, democracia, uma sociedade onde as pessoas se escutam ao invés de gritarem umas com as outras, o que é, na verdade, uma característica da economia comercial.

Uma pessoa que tenha um negócio que não escutar o mercado, ela vai realmente se dar mal. Então, é isso que vocês devem pensar.

Acho que vou terminar com o seguinte pensamento: o liberalismo, por Adam Smith, John Stuart Mill e Friedrich Hayek e Milton Friedman e Robert Nozick e outros que defenderam o *laissez-faire*, deixar o governo de fora da economia, ao invés de adicionar mais e mais políticas é a razão porque somos ricos no mundo moderno. Mais cedo eu disse o Brasil não foi tão bem-sucedido economicamente como poderia ter sido. Mas, por outro lado, o Brasil, assim como muitos do resto do mundo, é muito mais rico do que foi dois séculos atrás ou até mesmo um século atrás. E a razão pela qual isso aconteceu não é o governo, não é coerção, não é planejamento. São as ideias que indivíduos imaginaram. Os automóveis, o cultivo do açúcar, qualquer coisa que seja. São ideias humanas que surgem de conversas, conversas até mesmo de dentro da sua cabeça. E é isso que nos fez ricos. Não foi investimento, não foi comércio exterior, não foi planejamento do governo, não foram ferrovias. Foi a ideia liberal, que você também pode abrir um negócio, ou se mudar do Nordeste ou, em outras palavras, agir como uma pessoa livre. Na verdade, aqui está minha última declaração. Eu quero que as pessoas começassem a pensar sobre o liberalismo como adultismo, como uma coisa de gente adulta. Adultismo. Porque o que difere em mercado livres é que eles tratam as pessoas como pessoas adultas. Não os deixam sozinhos, e morrendo de fome, mas os tratam como pessoas adultas, enquanto outras filosofias políticas, desde o ensinamento social católico ao comunismo, passando pelo keynesianismo, até qualquer coisa que você queira chamar de fascismo, todos eles tratam as pessoas como crianças incompetentes. Então eu lhes peço que adotem o liberalismo, que adotem uma forma retórica de olhar para nossa ciência, nossa maravilhosa ciência e a própria economia. Obrigada.

PERGUNTAS

Mariana Rossi: Obrigada. Muito obrigada, professora Deidre. Como disse, eu poderia continuar ouvindo você. Agora eu vou abrir para algumas perguntas que estão escritas aqui. Eu vou ler as perguntas e se você pudesse responder, seria ótimo. A primeira pergunta: Um economista é um contador de histórias. Contudo, nós nos vemos como observadores imparciais por causa dos métodos matemáticos e estatísticos. Quando o economista faz um modelo, ele usa uma história usando lógica clássica ou outro método de ciência de verdade. Mesmo assim, os modelos nem sempre são melhores que outras ciências sociais, a despeito dos métodos científicos considerados. O que você acha que a economia pode aprender de outras ciências sociais? O que é o futuro, se houver algum, para uma economia diferente do que é a atual?

Professora Deidre McCloskey: Essa pergunta tem várias dimensões. Tem uma presunção por trás, que eu não concordo, que as ciências biológicas e físicas são de verdade, enquanto a economia ou antropologia seriam menos ciências. Eu não acho que isso é correto. E a história, a filosofia e a sociologia da ciência, que eu mencionei, depois da Segunda Guerra, mostrou que as ciências de verdade não são de verdade. A ciência é totalmente retórica.

Por outro lado, acho que a proposta da pessoa que fez a pergunta é correta, de que a economia adora se impor frente a outras matérias. Meu colega em Chicago, Gary Becker, adorava trazer modelos econômicos para a sociologia e eu também, a propósito. Naquela época, eu estava pesquisando os campos abertos ingleses da Idade Média, e eu estava trazendo economia para a história e a antropologia, essencialmente. Nós, economistas, adoramos falar para outras pessoas o que elas devem fazer, mas podemos aprender muito ao ouvir. Tem uma velha piada que diz que existe uma razão pela qual Deus nos deu duas orelhas, mas só uma boca.

Mas é 2 a 1 para ouvir, ao invés de falar. Então vamos pegar o caso do direito, por exemplo.

O movimento econômico do direito, do meu amigo Posner e Ronald Coase, importou ideias econômicas para o Direito. Na verdade, foi o Posner que nunca estudou economia. É ele o grande entusiasta deste imperialismo, enquanto o Coase era uma pessoa muito mais sensível. Coase, assim como o Posner, se tornou um juiz federal. Mas se ouvirmos os advogados, aprenderemos sobre seu conceito de justiça. A economia é sempre sobre o futuro. Nós pedem para tomar decisões econômicas agora sobre futuras possibilidades. Isso é um problema profundo na economia, mas é o que fazemos, é sobre o estamos fazendo. Enquanto a justiça, em relação ao advogado, é sobre o passado. Ela faz a pergunta: “O que aconteceu ontem?” Enquanto o economista vai dizer o que vai ser eficiente amanhã.

Eu acho que humanos são humanos e, em uma *humanomics*, temos que pensar na definição de justiça de um advogado. Não temos que abandonar a pergunta do economista, mas se vamos ser sérios sobre as ciências sociais, temos que incluir as duas. Mas eu poderia fazer isso com antropologia, sociologia, ciências políticas, história, etc. Duas orelhas, uma boca.

Marina Rossi: Obrigada. Então a próxima pergunta é: É ilusão guiar a economia baseada numa crença de uma economia ser como uma máquina? A economia não funciona como uma máquina. Você acha que poderia haver uma mudança benéfica no treinamento da economia e qual seria?

Professora Deidre McCloskey: Bem, isso é um ponto de vista muito importante. É isso que eu aprendi na economia austríaca. Esse livro que eu mencionei em 1990, chamado “If You're So Smart: The Narrative of Economic Expertise”. Novamente, era sobre economia, sobre contar histórias, sobre o aspecto novelesco da nossa área. Mas a piada no título é um antigo provérbio em economia, talvez exista algo parecido no português. Ele diz: Se você é tão inteligente, por que é que você não é rico? Isso soa como uma piada tola, mas não é. É uma pergunta legítima para qualquer pessoa que diga que pode guiar a economia. Se você pensa como Mazzucato, e como Keynes também, que é apropriado para os economistas, de acordo com o que a Mariana chamou de ponderar, então nos sentamos em Brasília no nosso escritório e ficamos ponderando e pensando sobre a economia e é aí então podemos fazer investimentos que são bons. Investimentos em inovação que são bons. “Mariana! Por que você não é rica?” “Por que você não é infinitamente rica?” Eu gosto de usar a analogia que o Bart Wilson também usa, do poema Fausto, de Goethe. E Fausto queria ter conhecimento porque ele fala anteriormente no poema: “Eu não tenho nenhuma culpa. Eu não tenho nenhum dinheiro”. É alemão. “Eu não tenho dinheiro. Eu tenho todo esse conhecimento, mas não me trouxe nada de bom.” Então ele vai ao diabo e vende sua alma pelo conhecimento do que vai fazê-lo ser rico. E nenhum economista tem esse conhecimento, senão todos os economistas seriam ricos.

E eu sou um bom exemplo de uma economista que não é rica. Por favor, me mandem dinheiro. Então, estou trabalhando num artigo que eu vou apresentar em Londres em algumas semanas, chamado “The Near Impossibility of Policy”. A palavra usada por Adam Smith para política era frequentemente polícia, pois isso era na Inglaterra do século XVIII, isso era o que a palavra significava e o que ainda significa. Eu sou do governo e vou ajudar, quer você queira ou não.

Marina Rossi: Obrigada. Próxima pergunta. Como você junta o princípio da falseabilidade de Popper com a visão de que a economia é uma conversa doce?

Professora Deidre McCloskey: Bem, porque o Popper está errado sobre ciência. A maioria dos economistas, o mais longe que chegaram à filosofia da ciência foi Karl Popper. Eu os admiro, pelo menos não estão ali só com Francis Bacon. Mas como falamos no baseball, eles chegaram na primeira base. Como falamos no futebol, eles têm a bola e já conseguiram colocá-la do lado dos oponentes, mas não estão fazendo gols. Não deram a volta e não fizeram um ponto. Popperianismo, como filosofia, história, sociologia da ciência, é bastante ingênuo. Não sou que estou falando isso. Essa é a conclusão de historiadores, filósofos e sociólogos de ciência modernos. Então você tem que ir bem além de Popper. E quando você vai além de Popper, veja bem, é como essa pequena máquina de falsificação e meu colega Milton Friedman, assim como o parceiro de tênis da minha mãe, Paul Samuelson, ambos acreditavam neste tipo de conversa. Está implícito em testes de significância em econometria. E se você me permite ser um pouquinho brusca, sem muito tato, nós não nos persuadimos mecanicamente. Somos humanos, mas isso não significa que sejamos pessoas más. Significa que existe mais que do que hipóteses e testes. Hipóteses e testes ajudam, não é a pior coisa do qual se pode falar. E às vezes eu mesma usei como parte do argumento de ciência. Está perfeitamente ok. O problema é que Popper e as pessoas que ele achava que estavam atacando, a saber, seus compatriotas em Viena nos anos 1920, como Wittgenstein, [acreditava que] existe uma máquina, uma pequena máquina lógica. Eu poderia entrar em detalhes. Mas houve grandes problemas com essa máquina. A economia não deveria ter uma filosofia da ciência ingênuo, mas ela tem.

Marina Rossi: Obrigada. A próxima pergunta, eu vou mudar para uma pergunta no YouTube: quais são suas ideias sobre a teoria biológica da evolução, e conceitos como seleção natural, fluxo genético?

Professora Deidre McCloskey: Sou a favor, sou cristã, mas não uma tola. Então acredito na biologia evolutiva, não sou Jerry Falwell ou um fundamentalista tolo em relação a isso, e eu admiro a biologia como modelo de pensamento. E é bom lembrarmos que Darwin foi inspirado pela economia. E ele fala isso na primeira página de sua autobiografia.

Ele disse que estava lendo Malthus por prazer uma noite, o que dá uma noção de que tipo de pessoa Darwin era, para ler Malthus por prazer. E aí ele se deu conta de que a sobrevivência dos mais adaptados na economia poderia ser aplicado à sobrevivência dos mais adaptados também no mundo biológico. E o Malthus também, por sua vez, foi inspirado, 30 anos antes, pela sobrevivência de algumas espécies na biologia.

Então, como o grande economista Armen Alchian destacou, tem esse dualismo entre biologia e economia. Por outro lado, eu não sou da Escola Alemã de História, que diz que tudo é evolução e, certamente, eu não sou entusiasta do filósofo Daniel Dennet da University Tufts, nos Estados Unidos, de que as ideias são memes. Essa é uma visão tola. Que ideias são memes. Seriam analogias a genes e memes.

E ele diz que as ideias evoluem do mesmo jeito que os genes o fazem. Então não acredito em qualquer reducionismo biológico. E há vários biólogos que também não acreditam. Então, é uma questão complicada, mas essas são as minhas visões. Eu acho que há muito se aprender da matemática moderna na economia. Como Alfred Marshall falou: “A floresta é feita de árvores que crescem”, e por isso ele quis dizer que a indústria é formada por empresas que crescem.

Marina Rossi: Obrigada. Temos muitas perguntas. Você selecionar só algumas, por causa do horário.

Professora Deidre McCloskey: Posso encurtar minhas respostas se quiser e tentar responder mais perguntas. Vou tentar responder em duas frases.

Marina Rossi: Perfeito, aí podemos responder todas. Então, qual é sua opinião sobre o liberalismo brasileiro?

Professora Deidre McCloskey: Eu sou totalmente a favor. Tem centenas de estudantes pela liberdade no Brasil. Sim!

Marina Rossi: Há uma convergência entre economia, psicologia, ciência política e outras humanidades. Quais pontos você destacaria entre esses campos de estudo que poderiam ser melhorados para melhorar nosso entendimento do mundo?

Professora Deidre McCloskey: Eu sou a favor de usar os ouvidos, mas eu não tenho certeza do que a pessoa que fez a pergunta se refere. Ela quer dizer de trazer o pensamento econômico

para a ciência política? Eu acho que tem um pouco a ser aprendido lá, mas a gente deveria estar ouvindo a conversa na ciência política sobre ideologia, ideias, entidade, paixão.

Marina Rossi: Outra pergunta: Se a ciência em geral é conversa doce, como podemos separar ciência e religião?

Professora Deidre McCloskey: Eu acho que não precisa separar. Eu acho que a teologia é científica, porque ciência em português significa inquirir, e era o significado também no inglês antes da metade do século XIX. E aí houve algumas disputas em Oxford e em Cambridge, sobre cadeiras em química e foi uma loucura. Olhe no dicionário de inglês de Oxford, ele vai mostrar que desde o **5B temos [1:19:21]** a compreensão moderna da palavra de ciência em inglês.

Marina Rossi: Outra pergunta. Você falou que crescimento econômico é devido ao capital humano e liberdade. O que você acha de Acemoglu? Da ideia de instituições inclusivas e exclusivas?

Professora Deidre McCloskey :Eu fiz uma longa análise do último livro do Acemoglu com o James Robinson, que você pode ver num jornal razoavelmente obscuro onde foi publicada ou no meu site. E cheguei à conclusão de que Acemoglu é um “estatista”. Ele quer o estado grande e ele não é um liberal. E eu digo: por favor, pare. Não precisamos de governos maiores e maiores. Então eu sou contra. De fato, eu escrevi muito nos últimos dez anos sobre o que eu chamo de neo-institucionalismo.

Marina Rossi: Últimas perguntas. Você acha que os estudos científicos e tecnológicos oferecem um paradigma útil para olhar para a economia?

Professora Deidre McCloskey: Bem, sim, porque eu acho que inovação é o que fez o mundo moderno. Não a acumulação de capital, não o direcionamento do governo da ciência e tecnologia, mas a inovação na cabeça das pessoas. Por outro lado, as palavras ciência e tecnologia são palavras alemãs, ciência e tecnologia estão juntas, mas a maioria da ciência não tem nada a ver com tecnologia.

Pense nisso, 95% de pesquisa em matemática, por exemplo, não tem nada a ver com qualquer questão prática e nunca terá. E isso não significa que eu sou contra matemática. Da mesma forma que poesia tem pouca coisa, a ver com melhorias materiais, acho que quase zero. Mas isso não significa que eu sou contra a poesia.

Eu nunca consigo lembrar..., tem uma contração de tecnologia, ciência, engenharia. Eu sempre esqueço, não sei o porquê, a sigla para as quatro matérias que supostamente são tão importantes para a economia. alguém pode me ajudar com isso?

Marina Rossi: STEM.

Professora Deidre McCloskey: É isso, STEM! É um jogo de confiança, dizemos em inglês. É uma fraude. A maioria dos cientistas dizem que a astronomia não tem nada a ver com a economia. A ciência não leva a maioria da tecnologia. É uma coisa que eu não concordo com o meu grande

amigo e aliado nestas coisas, John Moncure. A tecnologia tem a ver com tecnologia. A engenharia tem a ver com a tecnologia, em sua maior parte. Mas a matemática, como eu disse, não tem a ver.

Marina Rossi: Obrigada, acho que respondemos várias perguntas. Acho que para terminar, alguns pesquisadores dizem que a melhoria da economia é forçada por escolas que competem entre si. Oskar Lange versus Mises, em um debate sobre cálculos socialistas, e outros. O que você acha que hoje são as visões mais competitivas na economia e como elas podem fazer avançar nosso campo?

Professora Deidre McCloskey: Bem, uma das escolas mais competitivas é o neo-institucionalismo, e a outra é a economia behaviorista, e outra é economia do cérebro, e outra é a econometria de grandes dados, que invadiu meu próprio campo de história econômica. E acho que todas elas são um beco sem saída. Todas são erros científicos. E no meu último livro com a editora da Universidade de Chicago, que você mencionou, eu me oponho a tudo isso, especialmente ao neo-institucionalismo. Acho que estamos cometendo um grande erro com a economia e correr atrás deste ou aquele outro novo materialismo. Acho que este é nosso problema, basicamente. Acho que esta é uma boa forma de dizer isso. O problema básico da economia é, ao contrário de Adam Smith, Adam Smith entendeu, e todos os outros depois dele entenderam errado, a maioria deles, os economistas austríacos estão mais perto da verdade do que qualquer outra escola de economia, mas mesmo eles não entenderam a maioria das coisas erradas e tendem a voltar ao materialismo. O materialismo não é como nós ficamos ricos. Ideias foram o que nos fizeram ser ricos. E a ideia principal é o adultismo ou liberalismo. Uma sociedade de pessoas livres e de cientistas livres tentando entender a economia. E só mais uma questão, a competição da qual nós falamos frequentemente das ideias e de que tudo vai funcionar.

O problema é que a competição é fixa. Se existirem, por exemplo, intervenções do governo, é uma coisa, mas ela é fixada pelas ideologias, contra as quais eu tenho argumentado durante 40 anos. Meus colegas como o Robert Lucas, o grande macroeconomista, eles acreditavam nessa história positivista e que o Popper refinou um pouco. Eles acreditaram que a matemática é tudo o que você precisa e que você pode provar todas as verdades sociais num quadro negro. Eles acreditavam que a econometria poderia substituir o pensamento e eles estavam todos errados, queridos.

Marina Rossi: Muito obrigado professora por sua apresentação, por responder às nossas perguntas, por expor suas opiniões. Eu sou super a favor do liberalismo, então é muito bom ouvir pessoas falando sobre isso, especialmente no Brasil, onde muitas vezes nós não temos essa cultura, você realmente tem que lutar por isso.

Professora Deidre McCloskey: Não lutar, fazer uma conversa doce.

Marina Rossi: Conversa doce, sim. Usando as suas palavras de retórica, sim. Então, muito obrigada. Tivemos muitas pessoas aqui escutando a senhora, então estamos muito felizes de ter essa oportunidade e espero que você possa vir nos visitar pessoalmente e que possamos continuar esse debate.

Professora Deidre McCloskey: A qualquer momento.

Marina Rossi: Muito obrigada. Obrigada a todos por estarem aqui.

Professora Deidre McCloskey: Ciao, ciao, bambini.

José Marcio Carvalho: Muito obrigado. Foi excelente.

Professora Deidre McCloskey: Obrigada, tchau.